



Uma legião de boa vontade

Pesquisa Datafolha revela que 83% dos brasileiros consideram muito importante fazer algum tipo de trabalho voluntário, mas só 15% estão atuantes; o interesse manifestado pode indicar a possibilidade de o engajamento social ganhar volume no país, ajudando a combater desigualdades e incentivando o senso de comunidade p.2

quero na escola

⇒ Estudantes dizem o que gostariam de aprender e projeto descobre quem pode ensinar p.8

pós-pandemia

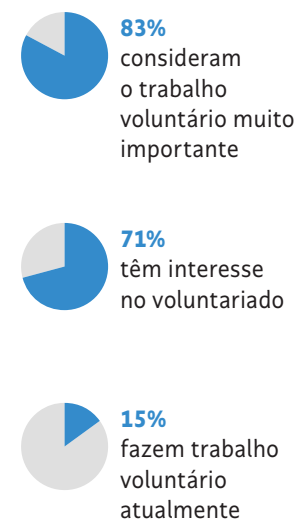
⇒ Redes municipais e estaduais fazem busca ativa de aluno ausente para evitar abandono escolar p.10

discussão

⇒ Iniciativas devem ir além do assistencialismo e mirar o longo prazo, dizem especialistas p.4

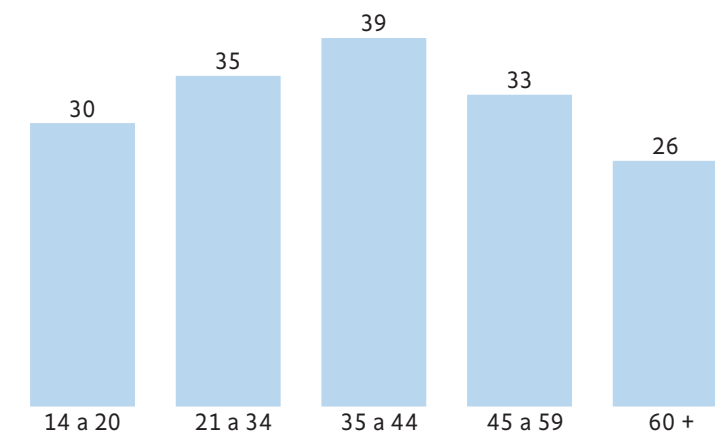
semináriosfolha voluntariado na educação

Interesse pelo trabalho voluntário no Brasil

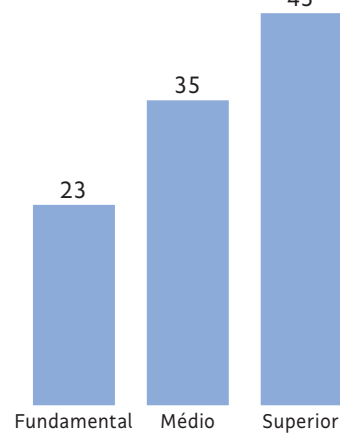


33% já fizeram algum trabalho voluntário

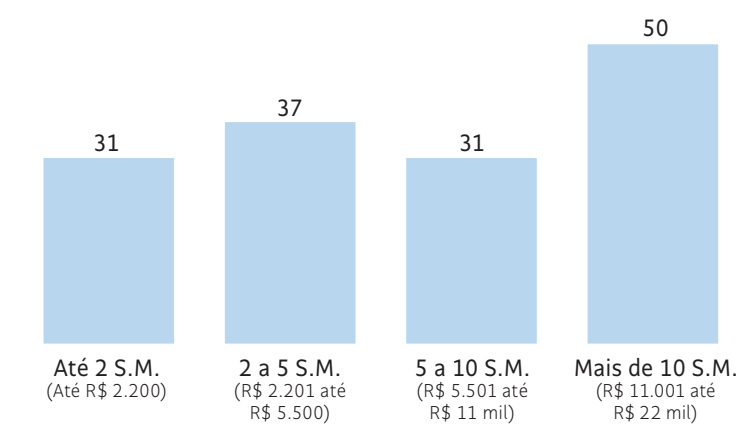
Por faixa etária, em %



Escolaridade, em %



Faixa de renda em salários mínimos (S.M.), em %



Maioria tem interesse, mas poucos fazem trabalho voluntário

Opinião manifestada por 83% dos ouvidos pelo Datafolha pode sinalizar possibilidade de crescimento da atividade

Vinicius Torres Freire

SÃO PAULO De cada 5 brasileiros, 4 consideram o trabalho voluntário muito importante. Mais precisamente, essa é a opinião de 83% dos entrevistados pelo Datafolha a respeito de prestar serviços sem remuneração para a comunidade em projetos sociais.

A pesquisa é nacional e foi realizada em outubro. Além disso, 53% têm muito interesse nessas atividades, desejo ou intenção que é similar entre todas as classes de renda e instrução, mas um tanto menor entre pessoas com 20 anos de idade ou menos.

O grande interesse pode ser um sinal de que há possibilidade de que o trabalho voluntário se torne mais frequente. No momento da pesquisa do Datafolha, 15% dos entrevistados disseram se dedicar à atividade; 33% já prestaram tais serviços; 52% nunca o fizeram. Para quem fez ou faz, a frequência da prestação do serviço era de pelo menos uma vez por semana para 28% e de uma vez por mês para 25%.

O serviço voluntário mais citado é a ajuda a pessoas em situação de rua. O motivo e a intermediação religiosos são relevantes na disposição para o voluntariado. Igrejas são as instituições mais conhecidas pela atuação na área. É lá também que ocorre a maior parte da atuação. Um dos três principais retornos da atividade é aproximar-se de Deus, dizem os voluntários.

A falta de informação sobre essas atividades e de conhecimento de instituições ou meios para se engajar é um empecilho para uma adesão maior ao serviço em projetos sociais não remunerados.

Entre os principais motivos para jamais ter se engajado estão a falta de oportunidade, de apoio, de incentivo e convite ou a escassez de informação a respeito de como fazer tais serviços, disseram 35% dos entrevistados. A falta de tempo, devido a trabalho, estudos ou cuidados domésticos, foi razão apontada por 32%. A seguir, com 14%, vêm o desinteresse e a falta de identificação pessoal.

Entre as atividades solidárias, fazer algum tipo de doação é a mais comum: é a atitude de 94% dos entrevistados, outra vez similar entre todas as classes de renda, dos mais pobres aos mais ricos, e de escolaridade. Cerca de 84% dizem que costumam doar alimentos (77% afirmam fazê-lo para gente em situação de rua), 52% doam dinheiro para pessoas nessa condição e 33% para instituições.

Entre as instituições que fazem trabalho voluntário, as mais conhecidas são igre-

jas, mas com apenas 18% de menções. É também em igrejas ou templos onde ocorrem com mais frequência tais atividades (69%). Os voluntários dizem também atuar em associações de bairro (43%), instituições de ensino (35%), ONGs (33%) e hospitais (21%).

Apenas 17% das empresas em que os entrevistados trabalharam tinham ou tiveram programas de trabalho voluntário; a taxa de participação (atual ou em algum outro momento), no entanto, era elevada nas firmas (61%).

As atividades mais comuns são aquelas voltadas para pessoas em situação de rua, para 65% dos entrevistados que fazem ou fizeram serviços sociais. Trabalhos relacionados com o meio ambiente são citados por 44% dos voluntários, mesma taxa de dedicação dos serviços na educação. A seguir, praticamente empatadas, vêm esporte e recreação (40%), saúde (37%), proteção dos animais (36%), cultura (35%) e apoio ao ingresso no mercado de trabalho (34%).

A atividade prática mais comum entre os voluntários é arrecadar, doar ou distribuir alimentos para famílias carentes, necessitadas ou em situação de rua (45%). A seguir, está a realização de atividades com crianças e arrecadação de roupas e brinquedos para elas (11%).

O principal retorno que uma pessoa obtém quando realiza uma atividade voluntária é ajudar as pessoas (64%), a sensação de bem-estar e aproximar-se de Deus (ambos com 54% das citações) e sentir-se útil (51%).

Os brasileiros disseram ao Instituto Datafolha que con-

cordam total ou parcialmente com as frases estou sempre disposto a ajudar os que mais precisam (94% das respostas) e com gosto de ajudar os outros sem esperar nada em troca (98%).

À frente das demais, a área de ação voluntária que desperta muito interesse é a distribuição de alimentos, roupas e calçados (70%). A seguir, vêm saúde e preservação ambiental (ambas com 63%), educação (62%), animais (61%) e auxílio a pessoas em situação de rua (58%).

Professor valoriza menos voluntariado geral e na educação

O Datafolha também procurou saber a importância que professores e população em geral dão ao trabalho voluntário na educação, além do propósito na escola.

No conjunto dos entrevistados, o voluntariado na área da educação é muito importante para 82%; entre os professores, 64%. Tais atividades podem contribuir muito para o desenvolvimento de crianças e adolescentes para 88% dos entrevistados em geral e para 81% dos professores.

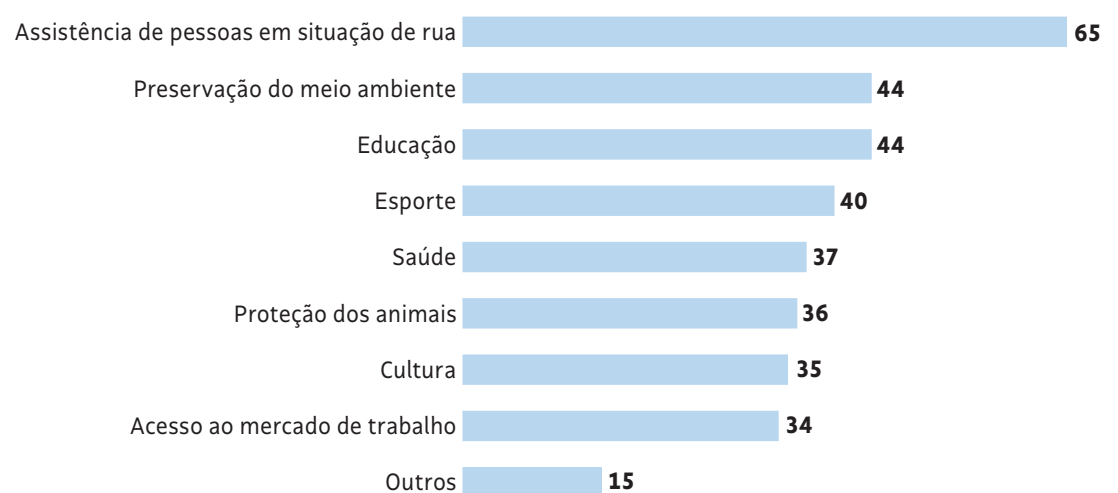
Quando ao trabalho voluntário em geral, 76% dos professores o consideram muito importante (ante 83% na população em geral) e 37% têm muito interesse (53% no conjunto dos entrevistados). O interesse declarado é menor entre os profissionais do ensino, mas 27% atualmente se dedicam a alguma atividade voluntária, mais que a parcela da população em geral que presta tais serviços (15%).

Professores e o conjunto da população entrevistada também apresentam algumas divergências em relação ao principal propósito da escola. Para os professores, trata-se de preparar os estudantes para serem bons cidadãos, preparados para conduzir suas vidas políticas e cívicas, com 43% das respostas (ante 21% dos entrevistados em geral).

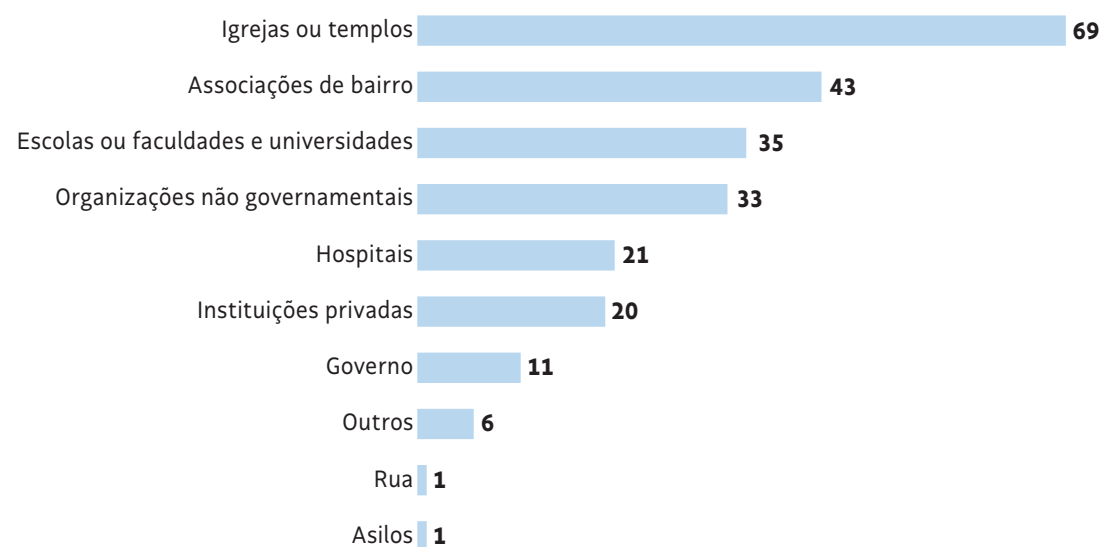
Ajudar os estudantes a obter seu próprio autoconhecimento e encontrar seu propósito pessoal de vida foi apontado como o principal objetivo da escola por 31% dos professores e 38% dos entrevistados em geral, números estatisticamente muito próximos.

Outra divergência maior aparece quanto ao objetivo principal ser o preparo dos estudantes em conhecimentos e distintas disciplinas para poder entrar na faculdade, opção escolhida por apenas 7% dos professores, mas por 22% da população em geral.

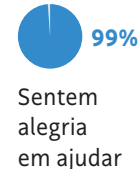
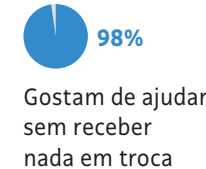
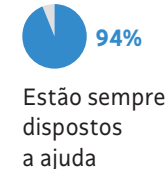
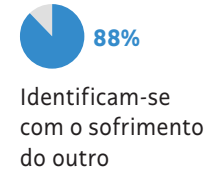
Atividades



Local



Motivos para se voluntariar, em %

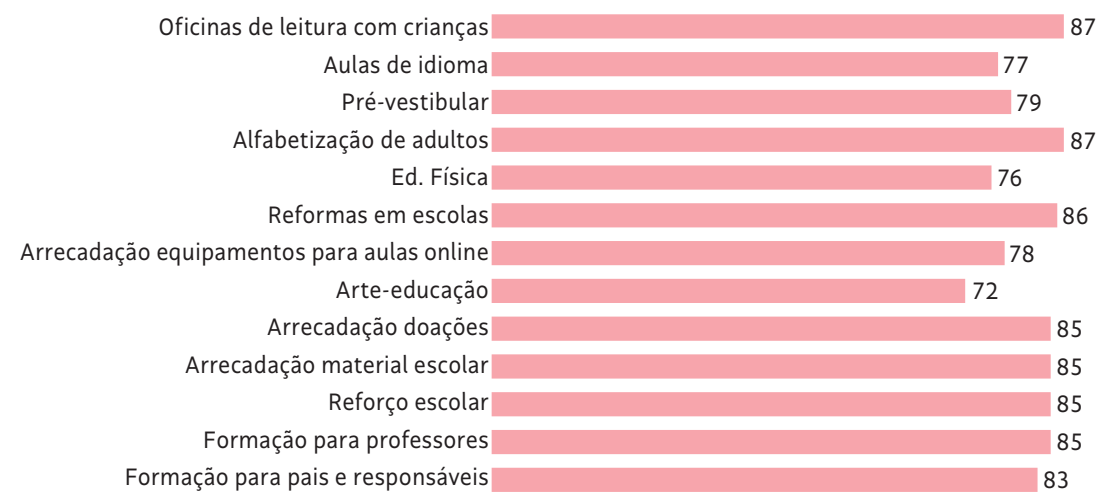


28% Acreditam que é preciso ter uma formação específica para ser voluntário

Voluntariado na educação

82% consideram muito importante o trabalho voluntário na educação

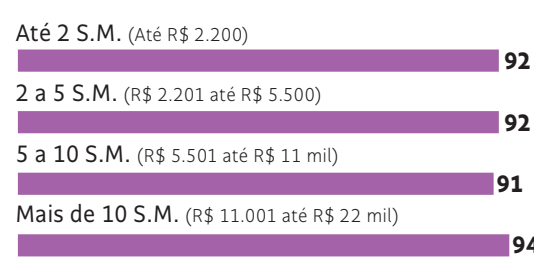
Atividades de interesse, em %



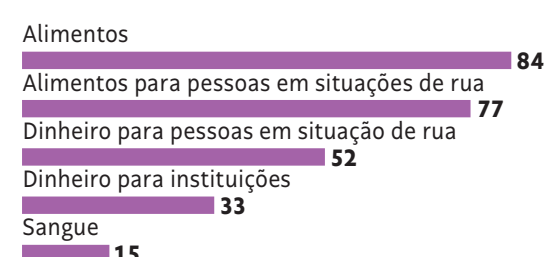
Doações

91% fazem algum tipo de contribuição

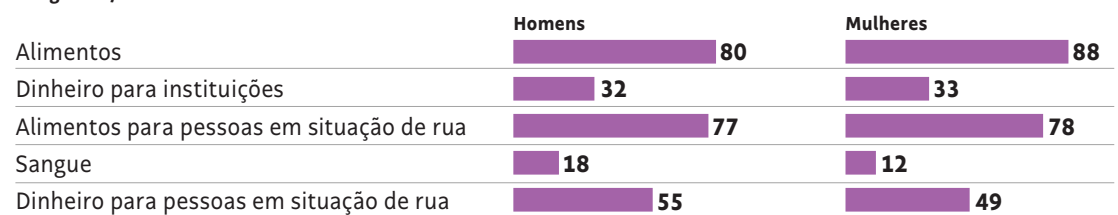
Faixa de renda em salários mínimos (S.M.), em %



Doações mais comuns, em %



Por gênero, em %



Fonte: Pesquisa Datafolha "Voluntariado na Área da Educação", que ouviu 1.871 pessoas a partir dos 14 anos de idade em todas as regiões do Brasil entre os dias 18 e 27 de outubro

[...]

Na opinião dos entrevistados, o principal retorno obtido por quem realiza uma atividade voluntária é ajudar as pessoas (64%); a seguir, com 54% das citações, vêm a sensação de bem-estar e de aproximar-se de Deus

Instituto Semear quer formar universitários e multiplicadores

Expectativa é que beneficiados contribuam com outros estudantes no futuro

Catarina Ferreira

SÃO PAULO Vinda do ensino público e primeira da família a cursar uma graduação, Paloma Flores, 24, se formou no ano passado em relações internacionais pela Universidade Federal do ABC (UFABC). Entrar na faculdade foi um sonho que ela conseguiu realizar graças ao projeto de bolsas do Instituto Semear, organização sem fins lucrativos que oferece apoio para universitários de baixa renda.

Aprovada no vestibular, seu primeiro desafio foi a moradia. Ela não tinha como custear a mudança de São José dos Campos (a 92 km da capital paulista), onde morava, ou o transporte diário até a universidade, que fica em Santo André (Grande São Paulo). A bolsa permitiu que frequentasse as aulas enquanto aguardava a aprovação de outros benefícios, como o auxílio alimentação da universidade.

“A educação é a chave para você conseguir ter sonhos maiores. Eu não imaginava que sairia da minha cidade e conseguiria chegar até a ONU para falar do que amo, que é a mudança pela educação”, conta, referindo-se a 2018, quando foi uma das representantes do Brasil na Assembleia da Juventude da ONU, em Nova York (EUA). A viagem foi possível graças a uma campanha de financiamento coletivo que



Lucas Moraes (acima), diretor do Instituto Semear, e Almir Silva, mentor Fotos Bruno Santos/Folhapress

teve o apoio do Semear.

Pode-se dizer que a jovememente, como são chamados os bolsistas do Semear, frutificou — Paloma é hoje coordenadora de projetos no Instituto Ismart, entidade sem fins lucrativos que concede bolsas a alunos do ensino básico.

É a realização dos desígnios do Semear. “Em troca da bolsa, queremos que o estudante assumo o compromisso de, no futuro, ajudar na educação de outro jovem. Queremos fazer com que sejam multiplicadores”, diz Lucas Moraes, 21, aluno do quarto ano de engenharia mecatrônica na Escola Politécnica da USP e atual diretor-executivo do instituto.

O Semear nasceu em 2010, quando dois estudantes do ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica) se uniram para arrecadar doações e ajudar jovens de baixa renda que chegavam à universidade.

Também o primeiro da família a entrar na universidade, Lucas foi semente em 2018, quando ingressou na graduação. Em quatro anos de Semear, foi voluntário, estagiário e coordenador, até chegar à direção, neste ano.

“Existe uma pressão para que o jovem comece a trabalhar e possa contribuir em casa. Já estudar é uma promessa de futuro, e o desafio para o estudante de baixa renda é arcar com alimentação, transporte e, no caso de cursos em tempo integral, não poder conciliar com um emprego.”

Desde a fundação, a organização atendeu 420 jovens-mentes. As bolsas, de R\$ 360 por mês, são financiadas por doações de pessoas físicas e empresas. A organização contempla cerca de 50 bolsistas por ano. Em 2021, o número aumentou para cem, e o objetivo para o ano que vem é chegar a 200 estudantes.

O instituto está estruturado em um tripé básico: gestores, que cuidam da administração, captam recursos e gerenciam as bolsas; estudantes voluntários, que organizam encontros entre jovens-mentes e mentores voluntários, e os profissionais de diversas áreas que acompanham os alunos durante o ano.

Desde 2017, quando conheceu o programa, Almir Silva, 49, diretor de sucesso da empresa americana de softwares Salesforce, já foi mentor de três estudantes.

Interessado em trabalho voluntário, Almir atuou na arrecadação de alimentos e no auxílio a pessoas em situação de rua até conhecer o projeto do Semear e se identificar com a trajetória — ele conta que também veio de uma realidade de baixa renda.

A experiência de mentoria permite compartilhar experiências de vida e carreira para além da cobrança do ambiente de trabalho, afirma.

“A mentoria com cada jovem foi diferente. O primeiro desafio é se colocar no lugar do outro, identificar o que ele tem em mente e, com organização e experiência, ajudar a direcioná-lo.”

Como os jovens do Semear são, muitas vezes, os primeiros da família a cursar uma graduação, conversar sobre a carreira é importante para não se sentirem sozinhos, diz Lucas, do Semear.

Ele afirma que a missão do instituto não é perpetuar uma narrativa de meritocracia ou que romantiza as dificuldades encontradas pelos jovens de baixa renda ao cursar uma universidade, mas mostrar que a educação é um caminho possível, importante para a construção da cidadania e que pode contribuir com a formação de novos líderes.

Já teve vontade de ser um(a) voluntário(a) e não sabe por onde começar?

Confira os novos cursos disponíveis no **Polo**, ambiente de formação do **Itaú Social**.

Acesse este e mais conteúdos no link abaixo ou escaneie o QR Code ao lado
bit.ly/cursosparavoluntarios



Saiba mais em
polo.org.br
itausocial.org.br

CURSO

Voluntariado e Sociedade: conhecer para transformar

O curso Voluntariado e Sociedade traz os primeiros passos para construir uma prática voluntária consistente.

Conheça mais sobre o **trabalho voluntário** e sua importância para a sociedade. Realize ações voluntárias de forma simples, consciente e transformadora.

CURSO

Voluntariado na Educação

A **educação** é a base para a construção de uma sociedade menos desigual. Por isso, contribuir para um futuro melhor e um presente cheio de oportunidades de aprendizagem para crianças e adolescentes é responsabilidade de todos nós!

O curso apoia voluntários(as) que desejam direcionar sua **prática voluntária para a área da educação**, contribuindo para a superação dos desafios do contexto brasileiro.

Itaú Social

O Itaú Social trabalha desde 1993 pela melhoria da educação pública no Brasil

O Polo, ambiente de formação do Itaú Social, oferece cursos gratuitos e certificados para profissionais de redes públicas, organizações sociais e todos que tenham interesse na área de educação. Acesse polo.org.br



semináriosfolha **voluntariado na educação**

Fotos Divulgação

“
Uma ação voluntária é muito mais potente quando encontra uma parceria

Dianne Melo
coordenadora de engajamento social e leitura do Itaú Social



“
A pesquisa mostra que a quase totalidade dos brasileiros valorizam o trabalho voluntário

Mauro Paulino
diretor-geral do Datafolha



“
A educação move as pessoas. Quem é impactado pela educação não quer isso só pra si, quer compartilhar

Wesla Monteiro
presidente do Mapa Educação



“
A educação remota no Brasil não é uma realidade e está muito longe de existir

Luiz Miguel Garcia
presidente da Undime



Participantes do seminário Voluntariado na Educação, que aconteceu quinta-feira (2) e foi mediado pela jornalista Laura Mattos Jardiel Carvalho/Folhapress

Voluntariado deve ir além de iniciativas pontuais para ter resultados duradouros

Organizações precisam investir em planejamento e capacitação para engajar mais pessoas

Catarina Ferreira

SÃO PAULO Para aumentar o impacto das ações sociais e do trabalho voluntário, é preciso investir no planejamento de iniciativas de longo prazo e na capacitação dos colaboradores envolvidos.

“O voluntariado precisa de uma estrutura, precisa de alguém gerindo os participantes, precisa de capacitação. Isso contribui com a motivação de todos”, diz Daniel Assunção, fundador da plataforma Atados, que conecta pessoas a ONGs (leia mais na pág. 10).

Assunção foi um dos participantes do seminário Voluntariado na Educação, realizado em conjunto pela Folha, pelo Itaú Social e pelo Instituto Unibanco. O evento, realizado na última quinta-feira (2), foi mediado pela jornalista Laura Mattos.

Para Tatiana Sayegh, coordenadora da frente de voluntariado da Turma do Jiló, associação sem fins lucrativos que trabalha com educação inclusiva, é importante desmistificar a cultura do assistencialismo, ainda forte no país, que se traduz principalmente em ações pontuais, como a distribuição de alimentos.

Na opinião dela, essa atuação é importante em cenários de emergência, como o que aconteceu durante a pandemia de coronavírus, porém o comprometimento por períodos maiores gera resultados mais duradouros.

Assunção vai na mesma linha. “É muito importante ter uma metodologia e um processo. Porque o resultado acontece a longo prazo”, afirma. Para ele, o voluntariado no país ainda tem espaço para crescer muito.

Pesquisa Datafolha realizada entre os dias 18 e 27 de outubro mostra que há ambiente para um maior engajamento da população. De acordo com o estudo, 83% dos brasileiros consideram o trabalho voluntário muito importante. Do total de entrevistados —1.871 pessoas—, 33% já se envolveram em algum tipo de trabalho voluntário e 15% contribuem com alguma causa atualmente.

O levantamento, que traça um panorama sobre o interesse da população sobre voluntariado, foi apresentado durante o seminário.

“Os números mostram que há uma ampla disposição dos brasileiros em ajudar. A máxi-



“
O Brasil tem uma grande oportunidade, mas muitas vezes falta estrutura para engajar os jovens

Daniel Assunção
fundador da plataforma Atados

ma de que o brasileiro é solidário foi comprovada pela pesquisa”, diz Mauro Paulino, diretor-geral do Datafolha.

Entre os jovens, o estudo mostra um interesse menor: 69% consideram atividades voluntárias muito importantes, 30% já se envolveram em alguma ação e 7% são voluntários atualmente.

“Quando explicamos para os jovens que a filantropia cuida da raiz do problema, temos uma chance maior de eles entenderem como trabalhar para uma mudança social significativa”, afirma Tatiana Sayegh, da Turma do Jiló.

Para Assunção, da Atados, é preciso oferecer estrutura para que o jovem se engaje em atividades em que possa, ao mesmo tempo, contribuir socialmente e adquirir experiências importantes.

Um caminho para envolver esse público é dar ferramentas para que eles consigam discutir sobre educação, de acordo com Wesla Monteiro, presidente do Mapa Educação, movimento que quer mobilizar jovens em prol de melhores políticas públicas para o ensino —educação empatou em segundo lugar como a atividade mais citada por aqueles que fazem trabalho voluntário, na pesquisa Datafolha.

“Para termos uma educação que responda às demandas do jovem no Brasil, o principal interessado precisa estar na mesa, entender sobre o tema e ajudar a formular boas políticas públicas”, diz Monteiro.

Coordenadora de engajamento social e leitura do Itaú Social, Dianne Melo chama atenção para o papel importante de escolas envolvidas em ações sociais, principalmente no cenário da pandemia, em

que muitas crianças e adolescentes não tiveram acesso a atividades educacionais.

Segundo um levantamento feito pelo Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) em 2020, 5,1 milhões de meninos e meninas entre 4 e 17 anos não tiveram acesso à educação no Brasil. A pesquisa contabilizou tanto crianças e adolescentes que não frequentavam a escola quanto aqueles que estavam matriculados em instituições, mas não tiveram acesso a atividades durante a pandemia.

“É importante que a sociedade civil pense como trabalhar em conjunto para garantir acesso, permanência e retorno das crianças para as es-

colas”, afirma Melo.

Na opinião da gestora, os professores são peças fundamentais para recuperar o aprendizado das crianças, porque eles conhecem as famílias e sabem quais as principais demandas dos alunos.

O levantamento do Datafolha também traz números de professores de escolas públicas engajados em ações sociais: 91% dos educadores reconhecem a importância do trabalho voluntário, 53% já participaram de ações e 27% atuam como voluntários atualmente.

Wesla Monteiro, do Mapa Educação, diz que as instituições estão abertas para receber iniciativas da sociedade civil. “Não é difícil entrar nas escolas e não é difícil engajar os professores. Se tivermos uma boa metodologia, estamos oferecendo boas ferramentas para a educação.”

Outro ponto abordado pelos participantes foi a importância do trabalho voluntário dentro das empresas. Para Daniel Assunção, do Atados, o movimento tem crescido para além de ações pontuais e se tornou parte da estratégia de atuação e dos valores de corporações.

“O voluntariado tem se transformando em uma maneira das empresas atuarem socialmente com todas suas habilidades, incluindo seus recursos e talentos.”

Dianne Melo, do Itaú Social, explica que, para esses programas funcionarem, o voluntário precisa de motivação. “A primeira questão é despertar nos colaboradores aquilo que os move.” Com isso, a empresa pode identificar os interesses dos voluntários ajudando-os a ver onde podem contribuir positivamente.



“
Transformando a juventude vamos ter um mundo melhor amanhã

Tatiana Sayegh
coordenadora da frente de voluntariado da Turma do Jiló



Reforma do ensino médio pode diminuir a evasão escolar, afirmam especialistas

Paulo Ricardo Martins

DUQUE DE CAXIAS (RJ) Prestes a ser implementado, o novo ensino médio deve transformar o atual modelo educacional e atribuir a ele novos sentidos, estimulando o aluno a continuar na escola.

É o que dizem especialistas que participaram de um debate sobre evasão escolar dentro do seminário Voluntariado na Educação, promovido pela Folha, pelo Instituto Unibanco e pelo Itaú Social. Realizado na última quinta-feira (2), o evento teve mediação da jornalista Laura Mattos.

O modelo atual de ensino ignora os novos paradigmas da sociedade que são enfrentados pelos jovens, de acordo com Luiz Miguel Garcia, presidente da Undime (União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação).

Para o professor, a reforma do ensino médio deve trazer respostas às angústias dos estudantes, adequando os estudos às necessidades deles.

A proposta aumenta a carga horária anual de 800 horas para, no mínimo, mil. Ao menos 40% delas serão dedicadas a itinerários formativos, nos quais os alunos poderão se aprofundar em áreas de seu interesse ou no ensino profissionalizante.

A evasão escolar, que cresceu no país nos últimos anos, foi agravada por vários fatores. Além da pandemia, Garcia cita o negacionismo do governo, a falta de programas específicos, os problemas de infraestrutura e a troca de gestores.

No Brasil, mais de 5 milhões de crianças estavam fora da

escola ou sem atividades escolares no fim de novembro de 2020, de acordo com estudo do Unicef. O número era de 1,1 milhão em 2019, antes da pandemia, segundo dados da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios).

Na opinião de Garcia, essa realidade torna ainda mais preocupante a tramitação da PEC (projeto de emenda à Constituição) 13/2021, que isenta prefeitos e governadores de aplicarem, em 2020 e 2021, na educação, ao menos 25% das receitas provenientes de impostos.

Antes que um estudante saia da escola, ele passa por um processo de desestímulo, no qual reprova várias vezes e perde o engajamento com a instituição, afirma Daniela Arai, coordenadora de desenvolvimento da gestão do Instituto Unibanco, instituição que trabalha com redes estaduais para implementação de políticas educacionais.

“A escola tem que trabalhar, principalmente para os jovens, em atribuir sentido para essa escolaridade e, sobretudo, garantir que haverá uma solução para eles.”

Com as mudanças no ensino médio, ela afirma que deverá haver garantia para uma trajetória de sucesso.

Um dos grandes benefícios da reforma é o ensino profissionalizante, porque incorpora empregabilidade à educação, diz Guilherme Lichand, professor da cátedra Unicef de economia do desenvolvimento e bem-estar infantil, da Universidade de Zurique.

“A escola tem que imaginar do que o setor produtivo pre-

cisa. E o setor produtivo precisa se reinventar”, diz ele.

Outra forma de tentar amenizar a evasão é a busca ativa, na qual o Estado e instituições organizam programas para tentar resgatar os alunos que desistiram de estudar.

A empresa de soluções mobile Movva teve a ideia de mandar mensagens a quem não estivesse indo à escola. São dois recados diários que perguntam o motivo da desistência e explicam a importância da educação para o futuro.

Os jovens que receberam os contatos durante a pandemia tiveram 25% mais chances de voltar aos estudos, segundo Guilherme Lichand, que também é presidente do conselho consultivo da empresa.

Mas os próprios professores podem ligar ou mandar mensagens aos alunos antes de acionarem o conselho tutelar, afirma Luiz Miguel Garcia, presidente da Undime.

Como iniciativa para combater a evasão, ele cita o Programa de Busca Ativa Escolar, desenvolvido pelo Unicef em parceria com a Undime. O projeto apoia governos na identificação, busca e acompanhamento de alunos que deixaram as instituições.

De 2017 a 2019, foram registradas mais de 17 mil rematrículas pelo programa, de acordo com o professor. No ano de 2020, foram quase 62.500.

Outra alternativa, apontada por Daniela Arai, é encarregar os próprios alunos de convencer seus colegas a voltar aos estudos. Segundo ela, essa abordagem pode ser mais efetiva, assim como usar pessoas da comunidade do jovem.

+

O que dizem os internautas

Essa pesquisa sobre o voluntariado na educação foi uma excelente iniciativa. Está cada vez mais óbvio que os governos não darão conta de solucionar o déficit educacional deixado pela pandemia de Covid-19 sozinhos. Há a necessidade de que a sociedade civil se mobilize num esforço cívico e voluntário para ajudar a recuperar o conteúdo perdido pelos alunos.

Joaquim Neiva de Rezende Junior
empreendedor social, Cachoeiro de Itapemirim (ES)

Excelente seminário promovido pela Folha. Tive a oportunidade de ter uma pergunta respondida, o que foi muito útil. Mas o mais importante, no meu caso, foi que reacendeu em mim a chama do trabalho voluntário, inclusive estou com inúmeras ferramentas aqui para colocar em prática.

Levon Coutinho
administrador de empresas, Barretos (SP)

Achei o seminário muito interessante e elucidativo. Um dos melhores que assisti. Os dois temas de grande relevância, e as abordagens bem pertinentes. Parabéns!

Eva Chow Belezia
professora, São Paulo (SP)

VEJA OS VÍDEOS DO EVENTO
folha.com/voluntariado



Nem os países mais conectados do mundo tiveram capacidade de fazer um ensino remoto de qualidade

Guilherme Lichand
professor da Universidade de Zurique



A gente espera que as escolas tenham se tornado mais resilientes a experiências como a pandemia

Daniela Arai
coordenadora de desenvolvimento da gestão do Instituto Unibanco

CURADORIA E ORGANIZAÇÃO

O FUTURO DA EDUCAÇÃO A UM CLIQUE DE DISTÂNCIA

Mais de 20 mil documentos, análises, artigos, dados e materiais em audiovisual sobre a Ensino Médio e Gestão em Educação Pública



OBSERVATÓRIO DE EDUCAÇÃO
ENSINO MÉDIO E GESTÃO

observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br

@institutounibanco | instituto-unibanco | inst_unibanco

semináriosfolha **voluntariado na educação**

O que você precisa saber para se tornar um voluntário

Antes de procurar uma instituição, é preciso considerar suas habilidades e identificar qual a sua causa preferida

Marina Costa

SÃO PAULO Quem deseja se dedicar a um trabalho voluntário deve buscar uma instituição idônea, na qual os seus conhecimentos e habilidades possam ser úteis. Mas, segundo especialistas em terceiro setor e representantes de organizações, o mais importante é ter comprometimento.

“Para ser um bom voluntário, é preciso ter rotina e boa vontade para fazer bem um serviço sem receber remuneração e sem descuidar. Não pode ser um fardo”, diz Vânia Escandura, 59, voluntária na Fundação Dorina Nowill, que se dedica à inclusão de pessoas cegas e com baixa visão.

Há quatro meses, ela e o pai, Alfio Escandura, 89, compartilham a função de digitar notas fiscais para a instituição. “Nunca deixei de trabalhar, mas tive a oportunidade de participar desse trabalho e isso encheu o vazio que eu sentia. Com uma atividade assim, você se recupera da inércia.”

A possibilidade de atuar em divisões administrativas, prestando apoio jurídico e contábil, ampliou-se com a pandemia, afirma Marina Frota, diretora da plataforma Atados, que conecta instituições a voluntários. Também cresceu o número de vagas para atuar a distância —na plataforma, houve aumento de 271,3% entre os meses de março e junho de 2020 em comparação com o mesmo período de 2019.

Antes de iniciar a busca por uma entidade, é preciso identificar uma causa preferida e considerar as próprias habilidades, diz a advogada Priscila Pasqualin, sócia responsável pela área de filantropia e investimento social do escritório PLKC Advogados.

Para auxiliar nesse processo, o Idis (Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social) disponibiliza em seu site a ferramenta Descubra sua Causa, que aplica um questionário breve e didático.

Também é interessante contribuir em ocasiões pontuais com entidades que atuem em causas diversas para descobrir com qual delas há maior identificação, afirma Frota.

Conversar com amigos e observar iniciativas no bairro são modos de encontrar um local confiável. É possível ainda buscar referências em fontes com credibilidade —por exemplo, o Mapa das Organizações da Sociedade Civil, do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), e os prêmios Melhores ONGs e Empreendedor Social, realizado pela Folha.

+ Onde buscar ONGs

Rede Folha de Empreendedores Socioambientais Reúne organizações finalistas do Prêmio Empreendedor Social, realizado pela Folha folha.uol.com.br/empreendedor-social/rede-folha/

Atados Buscador de vagas em ONGs. É possível filtrar por causa, local ou habilidade atados.com.br

Descubra sua Causa Questionário que direciona para uma causa e recomenda instituições descubrasuacausa.net.br

Busca Voluntária Dá para pesquisar vagas por habilidade, local, turno e forma de trabalho buscavoluntaria.com.br/vagas



Carolina Daffara

Ações corporativas são outra maneira de conhecer boas associações. Até mesmo iniciativas pontuais promovidas por empresas em parceria com uma organização são eficazes para atrair funcionários dispostos a integrar a equipe de voluntários, diz Graça Oliveira, responsável pela área de voluntariado da Fundação Dorina Nowill.

Segundo Pasqualin, em vagas fixas, é importante assinar um termo de adesão, previsto na lei nº 9.608, para formalizar questões acordadas entre instituição e voluntário, como atividades, carga horária e auxílio. Em serviços pontuais, o contrato verbal já é válido.

Para garantir o engajamento, a pessoa deve buscar atividades que saiba fazer bem e que lhe deem prazer, mas também é fundamental que a entidade forneça todas as orientações necessárias para o desenvolvimento do trabalho.

“O voluntariado tem que representar a instituição. É muito importante que a organização diga quais são seus objetivos, valores e propostas para os colaboradores”, afirma Eloísa Aquino, coordenadora de voluntariado na Gastromotiva, que distribui refeições e forma cozinheiros com ênfase em gastronomia social e combate ao desperdício.

O serviço na cozinha é a porta de entrada mais comum na ONG, mas também vagas em comunicação, captação de recursos e outros setores que permitem trabalho remoto.

Para atuar com mentoria de jovens ou líderes sociais na ONG Gerando Falcões, é preciso que o voluntário tenha ensino superior completo e uma experiência de trabalho. O principal requisito, porém, é estar disposto a aprender e doar tempo e conhecimento, afirma Ana Paula Leite Cordeiro, diretora de gente e gestão da entidade, voltada à promoção social de crianças e adolescentes das favelas.

Mentor voluntário na instituição há dois anos, o administrador Marcelo Zenga, 55, atende semanalmente jovens de 14 a 21 anos em situação de vulnerabilidade social e os auxilia a desenvolver planos de carreira. Ele, que foi executivo de empresas, já acompanhou estudantes que sonhavam com áreas como fotografia e mecânica de aeronaves.

“Quando um jovem da periferia chega a uma entrevista, ele percorreu uma jornada difícil. Dedicar tempo e entregar ferramentas socioemocionais é uma maneira de dar equidade ao processo”, diz ele.

Programa Myra promove encontros de leitura que transformam a vida de estudantes e mediadores

Débora Melo

SÃO PAULO Trabalhar como agente transformador e ser também transformado é o tipo de relato dado pelos voluntários do programa Myra - Juntos pela Leitura, que atua para ampliar a capacidade de leitura de estudantes do 4º, 5º e 6º anos do ensino fundamental de escolas públicas.

Desenvolvido no Brasil desde 2016 pela Fundação SM, em parceria com a Comunidade Educativa Cedac, o programa foi inspirado no projeto Lexit, criado em 2011 em Barcelona, Espanha. Em solo brasileiro, a iniciativa ganhou um nome de origem tupi —myra— que remete ao conceito de grupo, de coletividade.

O programa trabalha com duplas: voluntário e estudante fazem sessões semanais de leitura, de uma hora de duração. Com a pandemia, os encontros têm sido virtuais. Os alunos são escolhidos pelas escolas após um exame, e os voluntários são selecionados pela Fundação SM.

Para se voluntariar, basta saber ler em português e ter disposição para acompanhar a evolução do estudante durante o ano letivo, que vai normal-

mente de março a novembro. Os voluntários participam de um curso de formação inicial e recebem suporte durante o processo. Interessados podem se cadastrar no site programamyra.org.

Após décadas como professora de geografia e autora de livros didáticos, a educadora Rosaly Braga Chianca, 69, de repente se viu com tempo livre o bastante para querer “procurar novos caminhos”. Sua primeira experiência como voluntária remonta aos anos 1970, quando trabalhou com alfabetização de adultos na comunidade São Remo, zona oeste de São Paulo.

Rosaly entrou no Myra no início de 2020 e desde então trabalhou com duas estudantes do 6º ano da escola municipal Cacilda Becker, no Jabaquara (zona sul). “Acho que a coisa mais importante que tenho feito durante a pandemia, a que me dá mais satisfação, é estar no projeto Myra.”

A professora conta que trabalhava 12 horas na frente do computador e de repente se viu sem nada para fazer. “Eu precisava me reinventar e foi muito legal porque sou leitora, amante de literatura, sempre tive muito contato com li-

vros e sempre propicieei isso para meus filhos e netos. Então pensei: ‘Tem tudo a ver comigo esse projeto.’”

Rosaly diz que o trabalho de mediação de leitura tem momentos de muita emoção. Relembra dois deles, quando apresentou “Romeu e Julieta”, de William Shakespeare, a uma das alunas, e quando compartilhou com ela seu encanto pelo livro “Meu Pé de Laranja Lima”, de José Mauro de Vasconcelos. “Nós choramos juntas, nos emocionávamos, também tivemos momentos de muita risada. Você vê que não é só a leitura, é uma troca muito rica de afetividade.”

A voluntária é uma das 177 que formaram duplas com estudantes do programa em 2021. Desde 2016, foram 489. Neste ano, dez instituições participaram do projeto, entre escolas e bibliotecas da capital e do interior de São Paulo, além de unidades nos estados da Bahia e de Goiás.

Outra educadora que se somou ao grupo de voluntários é Simone Fonseca, 55, que também entrou no programa em 2020. Simone já tinha bagagem com voluntariado de leitura e contação de histórias para crianças em hospitais.

A oportunidade de trocar conhecimento e poder sair da própria bolha é o que há de mais rico na experiência do voluntário, diz.

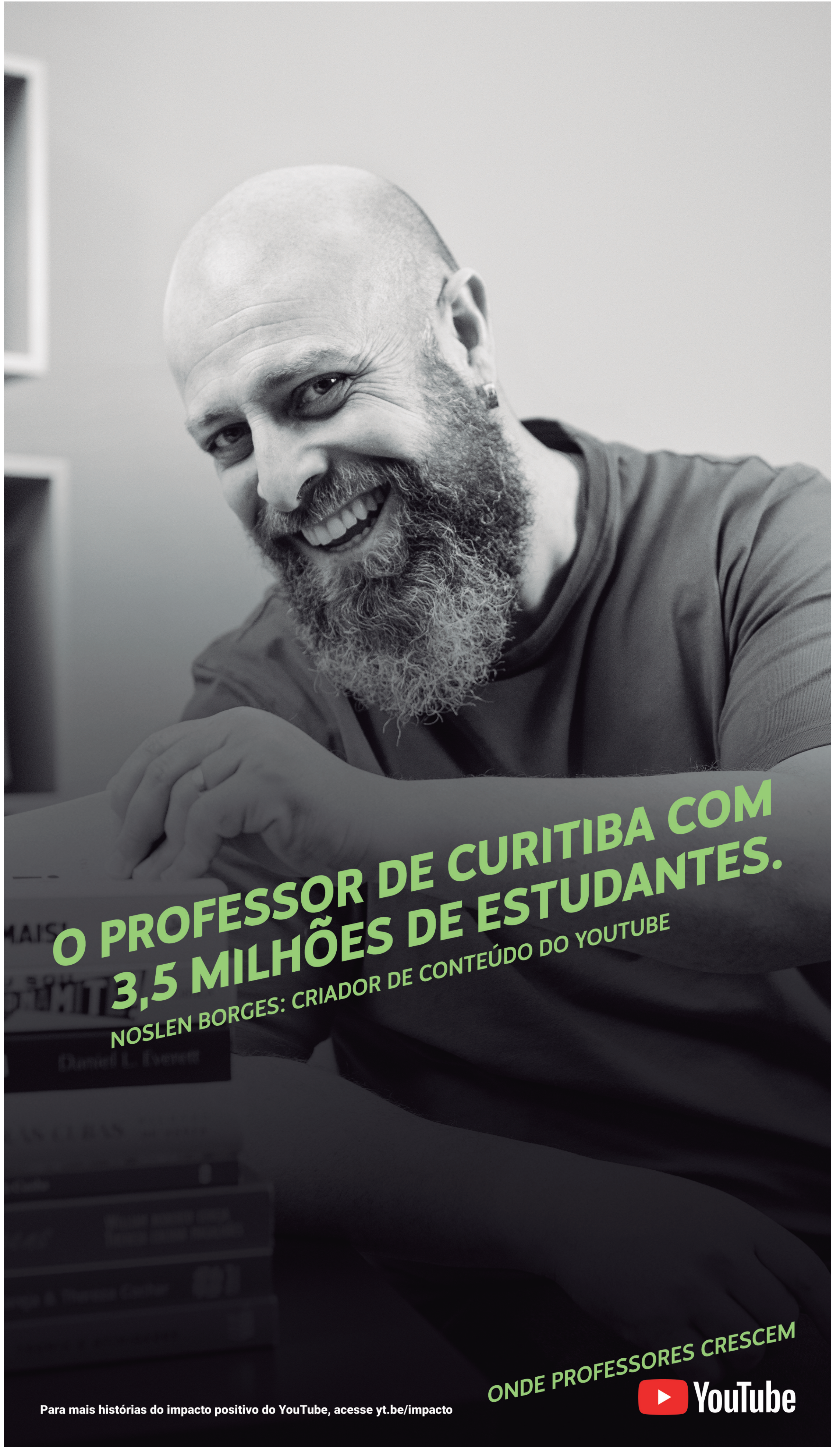
“Eu queria um lugar onde o trabalho fosse um trabalho de fato, com comprometimento e cuidado. Não tem remuneração financeira, mas as trocas e os ganhos vão por outro caminho, o retorno é muito poderoso, ilumina outros campos da vida”, afirma.

Para Mariana Franco, gerente da Fundação SM e coordenadora do Myra, embora o estudante seja o público-alvo do projeto, o voluntário também acaba impactado, não apenas porque usufrui de uma estrutura de formação continuada, mas porque tem a oportunidade de se inserir e participar de uma nova forma na comunidade.

“O voluntário se vê como agente transformador, como uma parte do processo. Muitos dizem que antes tinham outra visão da educação pública. Então existe o nosso comprometimento com o ensino, mas existe também o processo de entender que tem muita ação legal acontecendo nas escolas. E uma experiência que tem muita potência.”



Rosaly Chianca, voluntária do projeto Ronny Santos/Folhapress



**O PROFESSOR DE CURITIBA COM
3,5 MILHÕES DE ESTUDANTES.**

NOSLEN BORGES: CRIADOR DE CONTEÚDO DO YOUTUBE

Para mais histórias do impacto positivo do YouTube, acesse yt.be/impacto

ONDE PROFESSORES CRESCEM



semináriosfolha **voluntariado na educação**

Projeto conecta alunos e voluntários para levar novos temas à rede pública

Quero na Escola atende pedidos de estudantes interessados em assuntos fora da grade curricular

Daniela Pintão

SÃO PAULO Um adolescente quer saber mais sobre algum assunto que não faz parte do currículo escolar. Um especialista está disposto a ensinar. Juntar as duas pontas é o que faz o Quero na Escola, plataforma digital que reúne interesses diversos de alunos das escolas públicas e busca voluntários para atendê-los.

Idealizado pela jornalista paulista Cinthia Rodrigues, o projeto criado em 2015 é voltado para ensino médio e anos finais do fundamental. Na época, ela trabalhava em revistas voltadas para educadores e sentia falta da participação mais efetiva da sociedade no ensino público. Levou a inquietação para um laboratório de inovação social e, ao final do programa, tinha o projeto formatado. Lançou a plataforma com três amigas.

O Quero na Escola é mantido por aportes de instituições privadas, prêmios pecuniários ligados ao empreendedorismo social e, eventualmente, outras iniciativas, como o livro lançado neste ano com histórias sobre estudantes inspiradores. A renda da coletânea, escrita por Cinthia Rodrigues e Luciana Alvarez, outra das fundadoras, é revertida para o projeto.

Com filhos na rede pública, Cinthia entrou no conselho escolar, que agrupa pais, alunos, professores e representantes da comunidade. “Diferentemente da escola particular, a pública tem a responsabilidade não só de passar os conteúdos, mas também da merenda, dos livros, de pensar na evasão do aluno, na violação do entorno e muito mais. Não sobra tempo para pensar em atividades extracurriculares.”

O Quero na Escola exige menos envolvimento direto de uma direção já sobrecarregada. A dinâmica é simples: o aluno se cadastra no site e diz o que gostaria de aprender.



Palestra do ator Cleto Bassic para alunos da Escola Estadual Professora Luciane do Espírito Santo, em SP Keiny Andrade/Folhapress

der. A equipe checa se já tem cadastrado algum voluntário especialista naquele assunto, ou movimenta sua rede para encontrá-lo, e faz a ponte.

Os voluntários também podem olhar as solicitações diretamente no site e se oferecer para atender àquela demanda. A escola só é acionada na fase final, para aprovar e disponibilizar espaço e horário.

Qualquer estudante de escola pública, de qualquer lugar do Brasil, que esteja em uma das etapas escolares contempladas pode se cadastrar na plataforma e dizer o que gostaria de aprender na escola fora da grade curricular.

Foi o que fez Vitor da Silva Serem, 16, aluno da primeira série do ensino médio da Escola Estadual Professora Luciane do Espírito Santo, em Lajeado, bairro do extremo leste de São Paulo que integra a

subprefeitura de Guaianases. No Mapa da Desigualdade 2021, da Rede Nossa São Paulo, o distrito aparece com valor zero em vários indicadores culturais, o que significa que faltam cinemas públicos, centros de cultura, museus, teatros, salas de show.

Os alunos da sala de Vitor precisavam desenvolver projeto sobre alguma causa social para a disciplina de tecnologia da informação, que resultaria na apresentação de um seminário para as outras turmas. Ele sugeriu pobreza menstrual, questão ganhou evidência em outubro, quando o presidente Jair Bolsonaro (PL) vetou um trecho da lei que previa distribuição gratuita de absorventes.

Alguns estados têm iniciativas semelhantes, como o Dignidade Íntima, da Secretaria da Educação do Estado de São

Paulo. As escolas paulistas implementaram o programa em agosto, mas o contato de Vitor com o tema se deu antes, quando ele virou voluntário do coletivo Fluxo Sem Tabu, um projeto sem fins lucrativos que distribui itens de higiene íntima para camadas mais vulneráveis.

O estudante acionou o Quero na Escola duas vezes. Para formatar o seminário de seu grupo, Lígia Moreiras, cientista e escritora baseada em Florianópolis, especialista em saúde de mulheres e crianças, enviou vídeos explicativos feitos exclusivamente para eles.

Com as aulas já presenciais, o grupo decidiu também pedir um voluntário para dar palestra sobre o tema na escola. Foi a vez de Márcia Araújo, professora e ginecologista do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP.

O evento reuniu cerca de 300 pessoas, entre alunas, funcionárias e docentes.

“A experiência foi engrandecedora e o contato com as jovens, maravilhoso. Saber que quem solicitou o evento foi um rapaz não foi surpresa, mas motivo de alegria e orgulho por ver as barreiras sendo quebradas”, diz Márcia, também egressa da escola pública.

Formada pela USP, a médica só estudou em colégio particular a partir da metade da 2ª série do ensino médio, quando ganhou bolsa. A participação em projetos como o Quero na Escola é uma forma de devolver o que o ensino público lhe proporcionou, diz.

“Não podemos continuar terceirizando a educação dos nossos filhos, temos que estar dentro da escola e ver o que acontece lá.”

O prolongamento das me-

didias de restrição e o acesso desigual dos alunos da rede pública à internet levaram o Quero na Escola a lançar outros três programas. O primeiro foi o Quero Livro, em que alunos pediam obras didáticas ou de literatura.

No Apoio Emocional - Especial Professor, realizado em parceria com a Fundação SM, instituição educacional marianista sem fins lucrativos e parceira do Quero na Escola desde 2016, o professor podia solicitar a ajuda de profissionais da área de saúde mental.

O programa oferecia três formatos de atendimento online: apoio individual, escuta coletiva para um grupo de professores ou ação com os alunos durante a aula. No total, 3.545 pessoas foram atendidas nas três modalidades.

Em 2021, nasceu o Ponto Extra, de reforço virtual nas disciplinas obrigatórias. O programa acabou em julho, mas alguns voluntários continuam acompanhando o estudante ou a turma, em um vínculo independente da plataforma.

É o caso dos alunos da professora de português Juliana Nóbrega, de Parelhas (RN), cujos encontros semanais continuam até hoje. Estimulados pela educadora, alguns também usaram o Quero Livro, e a própria Juliana solicitou atendimento ao Apoio Emocional.

“Com o suporte, consegui liberar amarras e inscrever um texto meu na Olimpíada de Língua Portuguesa, que abriu categoria para professores neste ano”, diz ela, que é finalista nacional do concurso.

Com o retorno às salas de aula, o Quero na Escola voltou a funcionar como antes e a incentivar a participação presencial dos voluntários.

“Existe uma ideia estigmatizada da escola pública, centrada na fantasia da propaganda política ou no sensacionalismo dos programas policiais. Tem toda uma vida no meio disso, e ir pessoalmente àquele espaço, ver projetos pelos corredores, ter contato com os alunos, humaniza esse lugar”, diz Cinthia Rodrigues.

Até 2019, quando foi elaborado o último relatório anual do Quero na Escola, mais de 25 mil atendimentos tinham sido realizados, entre solicitações individuais ou em grupo, com o envolvimento de 588 voluntários. Os relatórios de 2020 e 2021 serão elaborados em conjunto no fim deste ano.

Em MG, Ramacrisna prepara jovens para o mercado de trabalho

Diana Lott

BELO HORIZONTE Há mais de 40 anos, a rotina de Solange Bottaro, 71, é a mesma. Moradora de Betim, na região metropolitana de Belo Horizonte, ela vai todos os dias ao Instituto Ramacrisna, onde começou como arrecadadora de doações e hoje é vice-presidente.

Após alguns meses, Solange foi convidada a conhecer a sede do instituto e as crianças participantes. “Foi quando resolvi morar aqui”, conta ela, que é vizinha da área onde funcionam refeitório, quadras de esporte, laboratórios de robótica e audiovisual, biblioteca e salas de música.

Em 2020, durante a pandemia, o Ramacrisna atendeu cerca de 16.800 pessoas, incluindo adultos em situação de vulnerabilidade social. Em 2019, haviam sido 39 mil.

O trabalho voluntário levou Solange a fazer faculdade de administração. “Achei que precisava conhecer melhor essa área para acompanhar os funcionários”, diz ela, que também trabalhou como palestrante e professora de gestão até se aposentar, em 2010.

O Ramacrisna está presente em 11 cidades da área metropolitana e oferece atividades para diversas faixas etárias.

Crianças a partir de seis anos frequentam o Centro de Apoio Educacional, que atua de forma complemen-



“Se você prepara a criança e depois o jovem para se tornar um aprendiz, e ele arranja uma colocação, você melhora as condições de vida da família”

Solange Bottaro
vice-presidente da Ramacrisna

Alunos integrantes da
orquestra do Ramacrisna, em
Betim Alexandre Rezende/Folhapress

tar às aulas regulares das escolas públicas. Um dos focos é a inclusão digital, sobretudo de meninas, mas também há oficinas de balé, judô, futebol, vôlei, xadrez e música.

Professor de violão e viola caipira há oito anos, José Antônio Nepomuceno, 62, foi contratado em 2013 em projeto de um ano, apoiado pela Secretaria de Cultura de Betim. Ao fim da parceria, continuou como voluntário.

O professor conta que, de cada grupo de dez alunos, quatro ou cinco “já chegam prontos”: têm aptidão e aprendem com facilidade. Vários continuaram estudando música e se juntaram à orquestra do Ramacrisna, que tem 60 músicos de 12 a 24 anos.

Jovens maiores de 14 anos podem entrar para o programa de aprendiz em empresas parceiras, que envolve parte dos 45 voluntários.

O principal objetivo da ONG, afirma Solange, é aumentar a independência das famílias. “Se você prepara a criança e depois o jovem para se tornar um aprendiz e ele arranja uma colocação [no mercado de trabalho], você melhora as condições de vida da família.”

Solange conta que a mãe de uma aluna do programa de aprendizagem lhe contou, chorando, que a filha era a primeira pessoa da família a tra-

balhar com carteira assinada. Para jovens com mais de 16 anos, o instituto oferece cursos profissionalizantes de mecânica de automóveis, robótica e soldagem, entre outros.

Valério Regino Costa, 52, é professor voluntário de segurança do trabalho no curso de elétrica residencial desde sua criação, em 2007. Antes de se aposentar na Cemig, neste ano, ele conciliava

o trabalho com as aulas noturnas. Em 14 anos, calcula ter ensinado mais de 450 jovens e adultos.

Além do trabalho voluntário, a ONG conta com a receita da sua própria fábrica de telas para manter as portas abertas —cerca de 40% dos seus recursos vêm do lucro da fábrica. O Ramacrisna também mantém parcerias com o poder público e tem patrocínio de empresas como Petrobras e Itaú.

ONG ensina inglês e ajuda a estudar no exterior

Soul Bilingue tem professores, mentores e psicólogos voluntários, além de parcerias com instituições estrangeiras

Lisandra Matias

SÃO PAULO Ex-estudante de escola pública, filha de uma manicure e de um auxiliar de almoxarifado, a jornalista Ariane Noronha, 31, fez sua primeira viagem internacional em 2014. Passou um ano e meio nos Estados Unidos, onde trabalhou como au pair (babá). A experiência, que ela considera transformadora, deu origem, anos depois, à Soul Bilingue, uma rede de voluntários que oferece atividades relacionadas ao aprendizado da língua inglesa e à orientação sobre possibilidades acessíveis de intercâmbio e bolsas de estudo no exterior para jovens de baixa renda.

“Minha vivência fora do país foi muito impactante. Quando voltei, queria ajudar as pessoas que também vieram de escolas públicas a enxergar o mundo como eu pude enxergá-lo”, diz Ariane, fundadora e dirigente da Soul Bilingue.

Criada em 2018, a organização já atendeu mais de mil jovens e possibilitou 15 viagens de estudo para países como Austrália, Nova Zelândia, Malta, Canadá, África do Sul e Inglaterra. Para o próximo ano, a previsão é de embarcar, no mínimo, 30 estudantes.

O programa está estruturado no trabalho voluntário em três frentes: aulas de inglês, mentoria e atendimento psicológico.

Inicialmente, as aulas semanais aconteciam presencialmente, em instituição parceira de Poá, e depois em sede própria, em Mogi das Cruzes, ambas na região metropolitana de São Paulo. O formato online adotado na pandemia tornou possível ampliar o programa de 50 para 300 atendidos por semestre.

Além das aulas, os jovens se conectam individualmente com mentores brasileiros e estrangeiros, que os acompanham remotamente durante os seis meses do programa.

São mais de 280 voluntários — a maioria está no Brasil, mas também há mentores em países como Irlanda, Estados Unidos, México, Portugal e Bélgica. São pessoas que disponibilizam até cinco horas mensais para ajudar na prática do idioma, tirar dúvidas e orientar os alunos.

O trabalho de acompanhamento psicológico, que já acontecia em encontros mensais, foi intensificado a partir da pandemia, graças à formação de uma rede de psicólogos voluntários que também atendem remotamente.

Para Ariane, a Soul Bilingue não é simplesmente um curso de inglês. “Ela chega para ampliar os horizontes dos jovens com novas ferramentas, preparando-os para o mundo.”

Brasileiros que já viveram fora do Brasil, por exemplo, acabam virando referência para esse jovem, que se espelha no mentor. “Não adianta falar de intercâmbio, de viagem e de potencializar essas pessoas se elas não tiverem apoio ou preparo psicológico para o choque cultural”, afirma.

O programa não garante a viagem de estudo no exterior. Há uma espécie de ranking para a distribuição das bolsas, que considera critérios como desempenho nas provas, assiduidade, participação nas mentorias, entregas de lições e engajamento nos desafios individuais e em grupo, como as campanhas de arrecadação de fundos.

Nessas ações, que são a maior fonte de receita da organização, o aluno ganha pontos no ranking a cada doação.

As bolsas de estudo no exterior incluem curso de quatro semanas e acomodação em casa de família ou residência estudantil. São oferecidas por escolas de idiomas, como Good Hope Studies, na África

do Sul, English Path e LAL Schools, na Inglaterra, e ATC Language Schools, na Irlanda.

“As bolsas não representam custo para a Soul Bilingue. Nós captamos os parceiros e, em contrapartida, trabalhamos na divulgação dessas instituições”, afirma a dirigente.

Em abril deste ano, Rebeca Oliveira, 22, passou um mês na Cidade do Cabo, África do Sul. “Posso dizer que a Soul conseguiu mudar parte

da Rebeca que eu era antes. Sempre fui pobre, de família simples, mas voltei da viagem com outro pensamento, uma visão bem mais ampla de onde posso chegar”, diz a jovem, que pretende estudar medicina e fazer trabalho voluntário.

“Tive um aprendizado muito grande de que eu sou capaz, conquistei uma coisa que sempre sonhei. Então, eu posso e tenho capacidade de conquistar muito mais.”

Uma das mentoras do programa, a analista de TI Jade Carvalho Lanzilotti, 29, vive atualmente em Limerick, Irlanda, para onde foi a trabalho em 2019. Vinda de família pobre, ela diz que isso foi possível graças ao apoio recebido de muitas pessoas, o que a levou a ser voluntária na Soul.

“Acho que é um dever de todos nós, que temos a possibilidade de viver experiências diferentes, encontrar formas de

expandir essa oportunidade para outras pessoas.”

Entre os critérios do processo seletivo para participar do programa da Soul Bilingue estão ter entre 18 e 26 anos, morar nas regiões Sudeste e Nordeste, ter cursado todo o ensino médio em escola pública, possuir renda bruta per capita de até R\$ 2.200 e nunca ter feito intercâmbio internacional. Para o 1º semestre de 2022 serão 330 vagas.

De acordo com Ariane, em cada edição do programa, de 70% a 75% dos jovens são meninas e 60% se autodeclararam pretos ou pardos. Do total de bolsas disponíveis, 25% são destinadas a alunos autodeclarados pretos e pardos.

“A gente preza muito isso. Não adianta falar em diversidade e viajar para o exterior se não trouxermos essa diversidade e representatividade também.”

@equipevoadora

Um simples gesto é o suficiente para engrandecer a alma e ajudar o próximo.

Parabéns pelo seu dia, voluntário!

05 de Dezembro
dia do voluntariado

IN
instituto
W

www.inw.org.br/

semináriosfolha **voluntariado na educação**

Professora e alunos que participam do projeto Busca Ativa fazem reunião na escola Matias Beck, em Fortaleza Jarbas Oliveira/Folhapress

Pandemia pode causar retrocesso no direito à educação no Brasil

Redes públicas de ensino lançam iniciativas para trazer de volta os alunos ausentes e prevenir o abandono escola

Philippe Scerb

SÃO PAULO Antes da pandemia, o acesso de crianças e adolescentes à escola tinha sido praticamente universalizado no país, especialmente no ensino fundamental. Dificuldades do ensino remoto e efeitos socioeconômicos, porém, podem significar um retrocesso no direito à educação.

Pesquisa do Unicef e do Cenepec (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária) com base na Pnad Covid de novembro 2020 mostrou que mais de 5 milhões de alunos de 6 a 17 anos não frequentavam a escola ou não haviam realizado qualquer atividade escolar na semana anterior ao levantamento.

Se o retorno do ensino presencial deve mitigar a exclusão dos sem acesso à internet, outros efeitos da pandemia, como o empobrecimento da população, podem manter muitos longe da escola.

Diante desse cenário, redes municipais e estaduais têm desenvolvido uma série de iniciativas para prevenir o abandono e trazer de volta os alunos que, por diferentes motivos, não fizeram atividades remotas nem têm frequentado a escola desde a reabertura.

Julia Ribeiro, oficial de educação do Unicef no Brasil, diz que é fundamental que a volta ocorra o quanto antes.

“As escolas ficaram fechadas por muito tempo, e recuperar o vínculo não é fácil. Quanto mais tempo a criança fica distante do universo escolar, menores as possibilidades de ela voltar. Se o processo de alfabetização não estiver consolidado, isso repercute no abandono em anos subsequentes.”

Em parceria com a Undime (União Nacional dos Dirigen-

tes Municipais de Educação), o Unicef oferece a estados e municípios uma ferramenta tecnológica chamada Busca Ativa Escolar, cujo objetivo é apoiar as redes no resgate.

A estratégia consiste em identificar os ausentes e os motivos de distanciamento. A partir do diagnóstico produzido são desenvolvidas ações específicas, que vão do combate ao trabalho infantil à reorganização do transporte escolar.

O programa existe desde 2017, mas a estratégia teve de

ser repensada durante a pandemia. “O foco nos últimos meses tem sido conscientizar as comunidades sobre a importância da escola e de o aluno voltar o quanto antes, independentemente do momento do ano letivo. Quando localizado, ele precisa ser matriculado”, diz Julia Ribeiro.

Os impactos da pandemia fizeram as redes de ensino multiplicarem os esforços para resgatar os ausentes.

O Ceará, por exemplo, fortaleceu as iniciativas de busca ativa do programa em que professores acompanham o dia a dia de alunos faltantes, afirma a secretária de Educação, Eliana Estrela.

Desde agosto, o estado distribuiu 3.000 bolsas de monitoria no valor de R\$ 200 mensais para que os próprios alunos procurem os ausentes.

“Os jovens têm mais facilidade de conquistar e convencer os colegas”, diz a secretária.

Com a lista em mãos, os alunos convidam para uma conversa na escola. Quando não conseguem marcar, ligam, mandam mensagens e, se preciso, fazem visitas às famílias.

A dificuldade de acessar a internet, seja pela ausência de conexão com a rede, seja pela carência de equipamentos, foi central para o distanciamento de milhões de alunos.

Dados do Cetic.br (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação), que monitora a adoção das tecnologias de informação e comunicação (TIC) no Brasil, indicavam que 70 milhões tinham acesso precário à internet em 2019. Há incontáveis relatos de famílias que dividiam o celular entre pais e filhos para acompanhamento das aulas.

O problema da exclusão escolar trazido pela pandemia

vai além do acesso às atividades remotas. Para Natácha Costa, diretora-executiva da associação Cidade Escola Aprendiz, não adianta pensar que a reabertura das escolas vai resolver o fenômeno do abandono se as crianças não tiverem condições de estudar.

A deterioração dos indicadores socioeconômicos de renda, emprego, segurança alimentar e moradia impacta diretamente os mais vulneráveis. Não à toa, diz Costa, a maioria dos que não frequentaram a escola em 2020 é preta, parda e indígena e vive nas regiões Norte e Nordeste.

Por isso ela defende que as políticas de enfrentamento sejam intersetoriais e reúnam agentes das áreas de educação, saúde, cultura, assistência social, entre outros. “Não basta abrir a escola. Precisamos que ela esteja articulada a outras políticas sociais.”

Márcia Bonifácio, coordenadora do Núcleo de Apoio e Acompanhamento para a Aprendizagem da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, confirma a dimensão socioeconômica do abandono escolar.

Um dos principais motivos tem sido o deslocamento de famílias que, sem renda, tiveram de se mudar para a casa de parentes, regiões mais precárias e até para a rua. “Com o desemprego, a família acabou se organizando de outras formas, e a escola deixou de ser central nessa nova dinâmica.”

Em projeto piloto, a prefeitura paulistana contratou 70 mães de alunos para visitar as famílias dos ausentes. Fruto de parceria com a Secretaria do Trabalho, das 30 horas semanais de jornada, 6 são dedicadas a processos de requalificação profissional.

“Queríamos um projeto que permitisse entender as causas do abandono escolar e, ao mesmo tempo, enfrentar a pobreza e o desemprego”, diz Márcia Bonifácio.

Ou seja, mostrar aos pais que há pessoas e instituições olhando por eles, como define Elenice Soares das Neves, 39, uma das mães agente da região de Santo Amaro (zona sul).

“Quando explicamos que existe uma rede de proteção que inclui assistência social, ÚBS e a própria escola, as famílias ganham confiança para relatar problemas e pedir ajuda. É muito gratificante e faz diferença.”

Site une iniciativas que precisam de ajuda e quem está disposto a colaborar

DUQUE DE CAXIAS (RJ) A plataforma Atados surgiu, em 2012, com a ideia de conectar projetos sociais que precisam de ajuda e pessoas dispostas a doar seu tempo em prol de uma causa. Hoje, quase dez anos depois, já são 3.440 ONGs, movimentos e coletivos cadastrados — e 200 mil interessados em contribuir com essas iniciativas.

Um dos coletivos cadastrados é o ResistEnem, curso pré-vestibular gratuito e digital que tem como público-alvo alunos de baixa renda. Todas as atividades são feitas pelo WhatsApp, aplicativo pelo qual são enviados PDFs com exercícios e gabaritos comentados.

É por lá, também, que os professores, todos voluntários, se organizam para preparar os materiais e trocar informações.

Esse é o caso da estudante de engenharia Isabella Almeida Gregório dos Santos, 20, que faz parte do plantão de dúvidas. Toda sexta, ela ajuda os alunos com temas de redação propostos, por meio de bate-papos via chat.

Foi Isabella que buscou o projeto com a intenção de retribuir a ajuda que recebeu de amigos e familiares na época que se preparava para o vestibular. “Nós não recebemos, mas doamos parte do nosso tempo àquelas pessoas, porque um dia outros nos ajudaram”, diz.

Para buscar algum projeto no Atados, basta entrar no site (atados.com.br). É possível usar filtros que classificam as iniciativas por distância, causas e habilidades. Uma pessoa que esteja interessada em trabalhar com esportes, por exemplo, pode selecionar essa opção.

Segundo Marina Frota, diretora do Atados, educação tem sido uma das áreas mais procuradas. Das 3.857 vagas que foram publicadas na plataforma neste ano, cerca de 42% envolviam o tema.

Para Noranathan da Costa Guimarães, cofundadora e coordenadora geral do ResistEnem, a plataforma torna o processo de admissão dos colaboradores mais prático. Embora os voluntários do coletivo também possam se candidatar mediante o preenchimento de um formulário, o Atados tem sido a principal porta de entrada.

No Rio de Janeiro, o jornalista João Luis Silva Junior, 37, encontrou pela plataforma uma vaga como voluntário para fazer textos para as redes sociais, o site e a newsletter do Favela Brass.

O projeto, que oferece educação musical a jovens de favelas e escolas públicas da capital fluminense, foi criado pelo trompetista britânico Tom Ashe, em 2014.

“Por eu ser estrangeiro, ter os textos do João faz toda a diferença. Ele faz um trabalho fantástico”, diz Tom. João Luis conta que, embora a sede do Favela Brass fique no Pereirão, comunidade a cinco minutos do Largo do Machado, bairro onde mora, ele nunca tinha ouvido falar da escola de música.

“Você acaba não tendo noção de que pessoas que moram no morro ao lado do seu bairro estão fazendo coisas incríveis”, afirma.

Foi também graças ao voluntariado que um curso de idiomas que tem refugiados como professores tomou forma no Rio de Janeiro. A iniciativa surgiu em São Paulo, em 2015, um ano depois da Copa do Mundo dos Refugiados, quando os fundadores do Abraço Cultural, nome do projeto, perceberam a necessidade de inserir pessoas em situação de refúgio no mercado de trabalho.

Anos depois, Carolina de Oliveira Vieira, 33, educadora, leu sobre a iniciativa e decidiu levá-la ao Rio, junto a Tatiana Lucas Rodrigues, 32. Para isso, teve ajuda de Daniel Assunção, um dos fundadores do Atados.

No começo, Carolina conta que as duas faziam aquilo de forma voluntária, mas depois decidiram se dedicar exclusivamente ao Abraço Cultural. Hoje, ela é a coordenadora pedagógica da unidade do Rio, e Tatiana, a coordenadora administrativa.

O curso na capital fluminense tem em média 500 alunos por semestre e conta com duas sedes, uma na Tijuca e outra no Largo do Machado. Agora, por conta da pandemia, as aulas têm sido feitas de forma remota.

Segundo Carolina, a entidade oferece, na plataforma do Atados, vagas para atividades pontuais, como fotografar um evento ou diagramar algum material.

A mediação e divulgação online feitas pelo Atados é gratuita. Como fonte de renda, a organização oferece serviços para empresas, como organizar ações pontuais de voluntariado.

Paulo Ricardo Martins



Isabella Gregório, 20, voluntária na ONG ResistEnem Mathilde Missionero/Folhapress